




# Qual é a LUZ QUE NOS TOCA?

## A iluminação cênica e a pele negra

Alexandra Gabriela de Melo da Silva

**Para citar este artigo:**

SILVA, Alexandra Gabriela de Melo da. Qual é a LUZ QUE NOS TOCA? A iluminação cênica e a pele negra. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.5, n.9, jun. 2025.

 DOI: <http://dx.doi.org/105965/27644669050920250401>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



## Qual é a LUZ QUE NOS TOCA? A iluminação cênica e a pele negra

Alexandra Gabriela de Melo da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo resulta de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem como objetivo apresentar e refletir sobre minhas primeiras práticas como iluminadora cênica com foco em corpos pretos, a partir das estruturas visuais vigentes e como elas influenciam na construção de narrativas e estereótipos que favorecem ou não determinados corpos diante da reprodução de imagens. Construindo formas de representação que influenciam diretamente na criação da iluminação cênica em espetáculos, performance e outros tipos de manifestações artísticas sobre o corpo negro. Tendo como principal campo de pesquisa o Coletivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes). Este estudo se esforça para contribuir para uma conversa entre os campos do Teatro, Iluminação e dos estudos pós-coloniais.

**Palavras-chave:** Teatro negro. Coletivo NEGA. Iluminação Cênica. Pele negra.

## What is the LIGHT THAT TOUCHES US? Stage lighting and black skin

### Abstract

This article is the result of a Final Course Project (TCC) and aims to present and reflect on my first practices as a stage lighting technician focusing on black bodies, based on the current visual structures and how they influence the construction of narratives and stereotypes that favor or not certain bodies when faced with the reproduction of images. Constructing forms of representation that directly influence the creation of stage lighting in shows, performances and other types of artistic manifestations about the black body. Having as its main field of research the Coletivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes). This study strives to contribute to a conversation between the fields of Theater, Lighting and Postcolonial Studies.

**Keywords:** Black theater. NEGA Collective. Stage Lighting. Black skin.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestre no programa de pós-graduação em Artes Cênicas da UDESC. Desenvolve desde a graduação a pesquisa sobre iluminação cênica e peles negras. Participou das principais mesas de debate sobre essa temática no Brasil. Tem experiência como iluminadora cênica, produção cultural e atuação.

✉ alexandradimelo@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/8629631413603707> | 



## ¿Qué es la LUZ QUE NOS TOCA? Iluminación escénica y piel negra

### Resumen

Este artículo es el resultado de un Proyecto Final de Curso (PFC) y busca presentar y reflexionar sobre mis primeras prácticas como técnico de iluminación escénica, centrándome en cuerpos negros. Este estudio se basa en las estructuras visuales actuales y su influencia en la construcción de narrativas y estereotipos que favorecen o desfavorecen a ciertos cuerpos al ser reproducidos en imágenes. Construyendo formas de representación que influyen directamente en la creación de iluminación escénica en espectáculos, performances y otras manifestaciones artísticas sobre el cuerpo negro. El principal campo de investigación es el Colectivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes). Este estudio busca contribuir a una conversación entre los campos del Teatro, la Iluminación y los Estudios Poscoloniales.

**Palabras clave:** Teatro negro. Colectivo NEGA. Iluminación escénica. Piel negra.



## INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso '*Qual é a luz que nos toca? A iluminação cênica e a pele negra (2022)*' foi defendido para obtenção do título de licenciada em teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. O trabalho fala sobre a formação de uma iluminadora dentro do Luz Laboratório (UDESC) e o Coletivo NEGA, refletindo sobre o processo de criação e desenvolvimento de práticas luminosas a partir de um grupo de teatro negro formado por pessoas negras, fornecendo um retrato dos desafios na criação, nas artes da cena, de ambientes emancipatórios que abordem as complexidades da longa história de desigualdade no Brasil.

O trabalho começa discursando sobre a formação do olhar sobre as pessoas negras e como isso irá se refletir na iluminação cênica, partindo do entendimento de iluminação cênica como linguagem e de como toda a formação formal e informal da iluminadora reflete na criação de luz. Posteriormente, descreve o início da formação da iluminadora olhando para seu processo técnico e criativo. Por fim, uma apresentação das primeiras experimentação luz com a peça-manifesto *Preta-à-porter* do Coletivo NEGA.

### 1. "EN TU MIRA"<sup>2</sup> - Pensando no olhar e a iluminação sobre os corpos pretos.

Para pensar o olhar da iluminadora sobre as peles pretas parto do ponto de que a iluminação cênica é uma linguagem e por isso, depende de prática e reflexão para se atualizar<sup>3</sup>. Além disso, quando criamos um projeto de luz, criamos também uma dramaturgia de luz que reverbera das subjetivações da iluminadora diante do espetáculo a ser iluminado.<sup>4</sup>

A formação de uma iluminadora não começa no momento em que ela inicia seu percurso dentro da iluminação cênica. Antes disso, atravessamos diversos caminhos de educação formal e informal. Constituindo nossa percepção de mundo. É preciso então treinar o olhar para que possamos ir além de reproduções de poder hegemônico, olhares que

<sup>2</sup> Música *En tu mira* de Baco Exu do Blues

<sup>3</sup> SIMÕES, p.14,2013

<sup>4</sup> CAMARGO, 2018, p.218



estruturam a sociedade capitalista e que possuem um viés branco, heterossexual e eurocentrico. O olhar social hegemônico condiciona o mundo que nos cerca sensorialmente e visualmente tornando-se muitas vezes a única referência para criação artística.

O artigo *Estudo para fotografias de pessoas com pele preta* de Leandro Cunha (2019), foi o primeiro trabalho que li que apresentava questionamentos semelhantes aos meus em relação a luz e as peles negras mesmo sendo de uma área de atuação distintas mas ambas tratavam de luz. No decorrer da pesquisa, optei por seguir para área de cinema e da fotografia criando paralelos com a iluminação teatral a partir da criação de imagens raciais. O interesse por esse recorte de pesquisa surgiu, principalmente, da dificuldade de encontrar referências acadêmicas sobre o assunto no Brasil, no momento da escrita do trabalho de conclusão de curso. É importante frisar que mesmo sem referências bibliográficas sobre o tema, eu contava com diversas referências dos trabalhos de iluminadoras e iluminadores que já tratavam sobre o assunto em suas práticas profissionais. Destaco, como exemplo, as contribuições de Brisa Lima<sup>5</sup>, Nando Zâmbia<sup>6</sup>, Milena Pitombo<sup>7</sup>, Valmyr Ferreira<sup>8</sup>, entre outras.

As autoras escolhidas para embasar e refletir sobre o tema foram bell hooks<sup>9</sup>, Lorna Roth e Felipe Ferreira Bonfim. BONFIM (2021) foi o que abriu a pesquisa por discutir em sua tese as disputas de visualidades no cinema, abordando a construção do olhar e as relações de

---

<sup>5</sup> Brisa Lima é carioca com mais 19 anos de experiência em iluminação Cênica em múltiplas linguagens, clips, tv, audiovisual, entre outros. É formada em Fotografia e tem formação no curso Cenografia e Indumentária da UNIRIO. Há 7 anos, experimenta a cenografia através da Gambiologia e faz sua estreia oficialmente como cenógrafa na Corpos promovendo um reenlace entre luz e cenografia.

<sup>6</sup> Nando Zâmbia é homem cis, negro, ator e iluminador. Natural de São Paulo (SP), reside e atua principalmente em Alagoinhas (BA). Iniciou sua carreira no interior do Estado da Bahia, em Alagoinhas, no ano de 1999, em âmbito estudantil no Centro Integrado Luiz Navarro de Brito. Esse foi seu reduto escolar e artístico por dois anos e, logo após a conclusão do ensino médio, ingressou no NATA – Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas, no qual desenvolve suas pesquisas como ator e iluminador. É ator, formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Brasil, e pela Universidade de Évora (UÉ), em Portugal.

<sup>7</sup> Milena Pitombo, atriz e iluminadora baiana, integrante da Cia Buffa de Teatro. Trabalha com iluminação desde de 2006, começou seus trabalhos em Belo Horizonte. Trabalhou como coordenadora técnica no México e também criou e operou luz no país. Em Salvador participou da criação de luz de peças como Peles negras, Máscaras Brancas, Medeia e Oxum com o iluminador Nando Zâmbia.

<sup>8</sup> Valmyr Ferreira é fotógrafo e iluminador há mais de 20 anos, iniciou sua carreira ao lado de Jorginho de Carvalho. Possui mais de 250 trabalhos realizados entre espetáculos teatrais, exposições e shows, dentre eles o espetáculo Traga-me a cabeça de Lima Barreto, onde assina a luz ao lado de Jorginho de Carvalho. Trabalhou com grandes nomes do teatro.

<sup>9</sup> bell hooks bell hooks escrevia seu nome em letras minúsculas como um gesto político e simbólico. Nascida Gloria Jean Watkins, ela adotou o pseudônimo “bell hooks” em homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks — mas, diferentemente da bisavó, ela optou por grafar o nome com letras minúsculas. A razão principal dessa escolha foi destacar o conteúdo de sua escrita e não sua pessoa ou figura pública.



poder e privilégio, abordando as questões étnico-raciais e de gênero. Assim com BONFIM (2021), hooks (2019) ampliar a discussão por nos mostrar que em todas as relações de poder existe a possibilidade de resistência. Entretanto ela nos coloca diante da força das mulheres negras que construíram suas identidades na resistência à ordem dominante, desenvolvendo assim mais facilmente um olhar opositor, olhar que não estava presente no cinema, mesmo nas produções negras. Para aprofundar as questões de massificação da imagem através da fotografia e seu alcance de massas ROTH (2016) foi fundamental para pensar os padrões raciais ditados pelos cartões Shirley da Kodak, utilizados para determinar padrões técnicos da fotografia nas imagens impressas, sendo esses padrões exposição, densidade e calibragem dos tons de pele.

Por fim, Juh Almeida com o Movimento RGBLACK© provando que é possível superar a lógica racista do mercado, atravessado pelo aparato tecnológico criado para favorecer apenas peles brancas. O Movimento RGBLACK© recriou os cartões Shirley com mulheres negras como modelos e a partir de profissionais negras compartilhando áreas de conhecimentos de iluminação, maquiagem, colorimetria, Inteligência Artificial e cabelos. Alinhado-se totalmente com hook (2019) construindo alternativas de transformação social a partir do seu olhar.

## 2. “UM ABRAÇO NEGRO, UM SORRISO NEGRO TRAZ FELICIDADE”<sup>10</sup>

### 2.1 O Coletivo NEGA

Ingressei na UDESC em 2017 e em novembro do mesmo ano entrei no Luz Laboratório como bolsista voluntária e o Coletivo NEGA como iluminadora. O Coletivo NEGA surgiu de um programa de extensão do CEART - UDESC denominado Programa NEGA - Negras Experimentações Grupo de Arte institucionalizado pela Prof. Dr. Fátima Costa de Lima. Fundado por pessoas negras, o Coletivo NEGA criou seu próprio caminho tornando-se independente da universidade, realizando trabalhos de arte e educação racial pelo Brasil e América Latina.

Minha primeira montagem e operação de luz foi da peça-manifesto *Preta-à-porter* na escola CEM Araucária (São José - SC), a apresentação fazia parte do projeto Mulheres Negras Resistem, idealizado por THUANNY e apoiado pelo Fondo de Mujeres Del Sul.

---

<sup>10</sup> Música *Sorriso Negro* de Tereza Gama



## 2.2 O Luz Laboratório

O Luz Laboratório Universitário de Tecnologia Cênica faz parte do Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O laboratório é um importante formador de iluminadores e iluminadoras de Santa Catarina, tendo egressos espalhadas pelo Brasil e também pelo mundo. Com uma alta demanda de trabalho, seus bolsistas aprendem de forma prática, sendo “jogados no fogo” pelo coordenador do laboratório, Dr. Ivo Godois.

Foi nesse espaço que tive incentivo e campo para começar minha pesquisa. Naquele momento eu queria encontrar uma “fórmula mágica” para iluminar as atrizes do Coletivo NEGA, a fim de valorizar e preservar a imagem de cada uma. “Porém, depois descobri que a pesquisa sobre a iluminação de corpos negros é muito mais do que técnica: é também desenvolvimento do olhar e pensamento crítico” (SILVA, 2022, p. 31).

## 3. “NOSSA PELE É DE PRATA. ELA REFLETE LUZ<sup>11</sup>” OU OS PRIMEIROS “ACENDER E APAGAR”

### 3.1 Peça-manifesto Preto-à-porter

A peça-manifesto *Preto-à-porter* surgiu sob a direção de Fernanda Rachel, baseada nos depoimentos de cada atriz, a partir de seus depoimentos os manifestos surgiram e o processo de montagem se iniciou (PAES, 2017). A peça passou por diversas mudanças, acompanhando os processos vividos pelo coletivo,

A cada debate externo corresponde o debate interno ao elenco e a posterior revisão das cenas de Preto-à-Porter (hoje, de Preto-à-Porter). Isso permite ao Coletivo NEGA atualizar o conteúdo em cena, o que atualiza ao mesmo tempo também a forma teatral do trabalho e a agenda de coletivo militante pela causa negra. Isto é possível por causa da “montagem dialética” que, segundo Fátima Costa de Lima, foi o que ela considera sua contribuição mais efetiva à arte do Coletivo NEGA [...] Assim se estabeleceu na arte do Coletivo NEGA uma estética cujo conteúdo se embasava na militância negra, e forma na pedagogia do manifesto e na montagem dialética (Paes, 2017, p. 42).

<sup>11</sup> Trecho de uma fala do filme *Bluesman de Baco Exu do Blues* (s/d).



Em 2015 o nome da peça-manifesto mudou e passou a ser *Preta-à-porter*. Neste momento o coletivo era composto apenas por mulheres negras, novos manifestos surgiram “[...] focando na relação da cultura negra com a população branca, na violência contra a mulher e, principalmente, na força de luta e resistência da mulher negra” (Paes, 2017, p. 53).

Meu primeiro contato com a peça foi em 2012 ou 2013, quando ainda era Preto-à-porter. A apresentação aconteceu no Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), eu era uma adolescente e espectadora que estava ainda no processo de se entender como uma mulher negra. Durante a roda de conversa, após apresentação, uma das atrizes em determinado momento, olhou pra mim e disse: “mas tu é preta”. Respondi, timidamente, com um “sim”. Foi a primeira vez que alguém afirmou minha negritude de forma não ofensiva. Na época eu vivia um brusco embranquecimento e tentava entender quem eu era e encontrar a minha identidade.

Em 2017 continuei como espectadora durante algum tempo, mas agora de outro espetáculo e uma nova configuração de coletivo. “A essa altura, meu olhar já havia passado por mudanças significativas e, como público da peça, eu não precisava me contrapor àquelas imagens” (SILVA, 2022, p. 32).

Quando entrei para o coletivo, o Preto-à-porter era encenado por Franco, Michele Mafra, Rita Roldan, Sarah Motta e THUANNY<sup>12</sup>. Cada uma possuía um tom de pele distinto e eu sabia que esse seria meu maior desafio. Eu tinha o projeto de luz do antigo iluminador, Rogaciano Rodrigues, para executar, mas nem de longe executar essa luz era minha maior preocupação. Além disso, o coletivo se apresentava em muitos locais alternativos, tendo por vezes apenas a possibilidade de luz natural. Operei a luz de Rogaciano Rodrigues apenas uma vez, no máximo, logo comecei a pensar um novo projeto, mudando os filtros utilizados e também as ferramentas culminando numa nova iluminação. Assim, pode-se dizer que ali se iniciou meu primeiro trabalho como iluminadora.

### 3.2 Subtons

A pesquisa começou observando como se comportava a luz por filtros de luz, gelatinas

---

<sup>12</sup> A artista escolheu essa forma de grafia para se apresentar ao mundo.





diversas, difusores e corretivos na minha própria pele. Depois busquei catálogos da Rosco Supergel e Lee, marcas dos filtros de luz que estava utilizando. Encontrei apenas o catálogo da Rosco Supergel e separei os filtros que tinha alguma descrição envolvendo a pele, sendo eles:

### Áreas de atuação QUENTES

#01 Light Bastard Amber Melhora os tons suaves da pele. Sugere luz solar intensa.

#304 Pale Apricot Mais amarelo que o número 305. Melhora o tom da pele.

#305 Rose Gold Âmbar rosado, indicado para tons de pele e contraluz.

#30 Light Salmon Pink Excelente para tons gerais de área. Produz efeito geral quente nos tons de pele.

#331 Shell Pink Rosa corado. Fica ótimo em tons de pele.

### Áreas de atuação Realces QUENTES

#312 Canary Mais quente que o número 10. É um amarelo radiante, vibrante que possibilita uma luz do sol exótica. Use com cautela sobre tons de pele.

#331 Shell Pink Rosa corado. Ótimo para tons de pele.

### Cicloramas CÉU/NOITE

#366 Jordan Blue Azul claro com um toque de verde. Favorece tons de pele.

O objetivo do guia Rosco Supergel era ajudar os profissionais a explorar sua criatividade por meio das cores e suas aplicações (ROSCO, s/d, p.3). Me questionei qual era o tipo de pele que o guia se referia, mas entendi que ele é genérico, ele fala a partir de uma hegemonia, sendo ela a branquitude.

Dos filtros citados anteriormente tive acesso ao #366 Jordan Blue Azul. Da marca Lee o 156 e um outro chocolate sem identificação. Também separei difusores sem identificação, nas tonalidades azul, verde e rosa. A ferramenta escolhida para os testes foi o PC de 1000w, um frontal e outro contra. Depois de alguns testes e diante da variedade de tons resolvi utilizar gelatinas apenas na luz frontal. Por fim, mapa mais adequado para o espetáculo e para as





encontrei um artigo no site da marca de maquiagem Catharine Hill indicando como o subtom da pele influencia na maquiagem e como a melanina divide e mescla originando o tom final. É a predominância desses pigmentos que vai definir o subtom de cada pele sendo eles divididos em quatro: subtom frio (pigmentos azulados e avermelhados), subtom quente (pigmentos amarelados) subtom neutro (pigmentos em quantidades mais equilibradas), subtom oliva (pigmentos amarelados e azulados).

A partir dos testes com os PCs de 1000w conclui que as atrizes estavam mais próximas do subtom quente, por isso a escolha do filtro 156. Assim conseguir acentuar a pigmentação delas e conversar com a proposta da peça. Eu sempre tive liberdade de criação e confiança por parte do grupo para pesquisar e propor novas configurações de luz e isso foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Na última apresentação da peça-manifesto eu utilizei um mapa novo e acrescentei filtro de cores mais frias em conjunto com os de cores quentes. Na figura 2 utilizei dois elipsos, um com o filtro 156 e outro com o filtro lavanda 351, com contra azul (no filtro não havia identificação) em um PC de 1000W. O se deu a partir do espaço, do elenco que às vezes mudava e dos equipamentos que tinha disponível.

Figura 2. *Preta-à-Porter* - 24o Festival Isnard Azevedo. Da esquerda para direita: THUANNY, Michele Mafra, Sarah Motta. Ao fundo: Franco e Rita Roldan



Fonte: Arquivos Coletivo NEGA.



### 3.2.1 Canto para quem é de noite

O *Canto para quem é de noite* foi desenvolvido em 2021 no formato audiovisual devido a pandemia do COVID-19. Foi um projeto musical, explorando os gêneros Funk, Samba, Rap, Hip Hop e Blues. Neste trabalho utilizei a mesma lógica de construção da luz do *Preta-á-porte*, adicionando filtros de cores que trouxessem também uma atmosfera de desencontro e distanciamento. Por utilizar apenas refletores de Led no processo, usei o filtro da Rosco CTO 3408 para corrigir a temperatura de cor e dicas do Projeto RGBBlack para construir a luz e contribuir com a captação das imagens. O vídeo do trabalho está disponível no canal do Youtube do Coletivo NEGA, intitulado *Canto para quem é de noite*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é uma síntese do trabalho de conclusão de curso de uma iluminadora no início de sua carreira. Seu conteúdo tem um recorte temporal dentro de uma pesquisa que é muito maior, que continua sendo desenvolvida em um mestrado e ao redor do mundo por outras iluminadoras e iluminadores. Tendo o propósito de ampliar o debate sobre o olhar dentro da iluminação teatral para as peles negras. Afinal, de nada adianta o desenvolvimento de métodos e técnicas para iluminar essas pessoas se não conseguimos enxergá-las “[...] sem o véu da discriminação enraizado na nossa educação e cultura” (SILVA, 2022, p.43).

É preciso questionar padrões universais e guias em que os corpos não sejam nominados, existe uma infinidade de tons e peles humanas, com particularidades específicas a generalização é um problema. Temos ferramentas e técnicas desenvolvidas o suficiente para que a imagem de ninguém seja distorcida, mas só a mudança de pensamento faz com que a iluminação sirva de fato a todos os corpos. Nesse contexto, há muito tempo pessoas negras vem como linha de frente guiados pela urgência de novas concepções luminosas. De acordo com ZÂMBIA (2021)

A luz pinta sentimentos para que sejamos potentes, grandes. É função da arte reconfigurar esse lugar de entendimento, uma vez que num espetáculo de Teatro Negro nunca temos uma abordagem única sobre o negro, mas sim temos uma encruzilhada de percepções e abordagens (ZÂMBIA IN LABCENAS, 2021, S/P).



Com essas palavras, podemos refletir sobre a questão que é título deste trabalho. Afinal de contas, a iluminação cênica é uma linguagem poderosa, campo de disputa de narrativas, narrativas também sobre corpos e imagens.

## Referências

BACO EXU DO BLUES. Bluesman (Filme Oficial), Youtube, s/d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw>. Acesso em: 04/01/2022.

BOMFIM, Felipe Corrêa. **Derivações do olhar: visualidades, cinematografia e as relações étnicoraciais**. Campinas, SP: Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, 2021 (Tese de Doutorado).

CAMARGO, Roberto Gil. *A escrita e a não escrita da luz*. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, volume 1, número 31, p. 216-224, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/14145731013120182> 16. Acesso em: 24/10/2021.

CATHERINE HILL. **Como descobrir o subtom da pele e como ele influencia na sua maquiagem?** (endereço eletrônico). Disponível em: <https://blogcatharinehill.com.br/catharine-hill/descobrir-o-subtom-da-sua-pele-maquiagem/>. Acesso em: 07 de janeiro de 2022.

COLETIVO NEGA. **Coletivo Nega** (endereço eletrônico), s/d. Disponível em: <http://coletivonega.com.br/>. Acesso em: 03/02/2022.

CUNHA, Leandro. *Estudo para fotografias de pessoas com pele preta*. **Medium**, 2019. Disponível em: [Estudo para fotografias de pessoas com pele preta | by Leandro Cunha | Medium](#). Acesso em: 10/11//2021.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. bell hooks: tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

MOVIMENTO RGBBLACK@. **RGBblack@: retratando a grandeza da beleza negra** (endereço eletrônico). Disponível em: <http://rgblack.org/rgblack/>. Acesso em: 03/02/2021.

*Movimento RGBblack@ pretende fomentar debate sobre o viés racial presente na indústria do audiovisual*. **Mundo Negro** (endereço eletrônico), publicado em 22/10/2021. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/movimento-rgblack-pretende-fomentar-debate-sobre-o-vies-racial-presente-na-industria-do-audiovisual/>. Acesso em: 03/01/2022.



LUZ LABORATÓRIO. Laboratório Universitário de Tecnologia Cênica do Departamento de Artes Cênicas da UDESC, s/d. Disponível em: <https://www.udesc.br/ceart/luz>. Acesso em: 03/02/2022.

ROTH, Lorna. *Questão de pele*. **Zoom** Revista de Fotografia, publicado em 23/06/2016. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/>. Acesso em: 03/02/2022.

PAES, Thuanny. **Teatro é coisa de preto e preta sim! O surgimento do Teatro Negro do Coletivo NEGA em Florianópolis**. Florianópolis: Curso de Licenciatura em Teatro do Centro de Artes da UDESC, 2017. (Trabalho de Conclusão do Curso).

ROSCO. **Guia Supergel: Cores que emocionam**. Disponível em: <http://roscobrasil.com.br/supergel>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

**SILVA, Alexandra Gabriela de Melo da**. *Qual é a luz que nos toca?: a iluminação cênica e a pele negra*. 2022. 58 f. Monografia (Graduação em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SIMÕES, Cibele Forjaz. **À luz da linguagem da luz. A iluminação cênica: de instrumento da visibilidade à "scriptura do visível"**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, 2013 (Tese de Doutorado). Disponível em: TESE DE DOUTORADO REVISÃO (usp.br). Acesso em: 03/02/2022.

ZÂMBIA, Nando. Eu estou pontuando o que quero que seja pontuado. **Revista Labcenas**, vol. 1, no. 1, s/p. 2021 Disponível em: <https://revistalabcenas.bogum.com.br/2021/04/06/a1e1nandozambia/>

Recebido em: 30/03/2025  
Aprovado em: 20/06/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT  
Centro de Arte – CEART  
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas  
[aluzemcena.ceart@udesc.br](mailto:aluzemcena.ceart@udesc.br)